

Nota de abertura

No dia 21 de Dezembro de 2012, a expectativa de um fim do mundo – tão espectacular quanto improvável – foi vivida à escala planetária. Entre terrores genuínos e um irónico ambiente de festa, a data fatídica passou sem incidentes, e profecias de novas datas para uma destruição do planeta começaram imediatamente a surgir.

O que é o fim do mundo? Um juízo universal da humanidade, conforme dizem os textos vetero- e neotestamentários? Uma catástrofe ecológica, global e iminente, provocada pelo homem? A alegoria de um mundo que perdeu as suas (meta)narrativas, vogando sem verdade e sem destino, após Auschwitz e Sarajevo? O pretexto para a sedução do espectáculo, entre filmes-catástrofe e um delicioso imaginário da destruição? Ou o confronto de cada qual com a sua morte própria? Por que nos fascina e aterroriza este tema milenar, nunca resolvido – e o que temos a ganhar com a exploração do nosso próprio terror?

Para estudar o imaginário do fim do mundo, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde 2013, uma série de seminários abertos, coincidindo com os equinócios e os solstícios. Os libretos *Materiais para o Fim do Mundo* recolhem alguns ensaios apresentados nesses seminários, ou textos afins. Neste nono libreto, Diogo Martins estabelece diálogos entre os universos distópicos de dois textos, de António Gregório e Fiódor Dostoiévski, e dois filmes, de M. Night Shyamalan e Joachim Trier, questionando o confronto de seres individuais com o fim do(e) mundo(s); Helena Lopes parte das reacções mediáticas à representação de um crime em *Downton Abbey*, num ensaio que visa debater as fronteiras do *period drama* ao mesmo tempo que interroga a vivência política da Grã-Bretanha nos nossos dias; e João Pedro da Costa resgata o 11 de Setembro e a música para reflectir acerca de ruído e silêncio, ruína e progresso, estudando *The Disintegration Loops* (2012) de William Basinski à luz do conflito entre o analógico e o digital.

Pedro Eiras
Vítor Ferreira